

O futebol e a política no país de Macunaíma

Fernando de Holanda Barbosa

Professor da Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV EPGE)

No dia 6 de julho de 2018 a Copa do Mundo da Rússia acabou para o Brasil com a derrota para a Bélgica e a história se repetiu: a cada quatro anos torcemos loucamente e somos recompensados com sofrimento. Desta vez menos mal, pois não teve a vergonha dos sete a um contra a Alemanha.

Quem usou a razão a partir do primeiro jogo contra a Suíça sabia que dificilmente o resultado seria outro. Os sete erros da seleção foram: 1. técnico de seleção não deve se comportar como religioso de televisão, que faz preleção falando muito e dizendo pouco; 2. o campo de futebol não é picadeiro de circo para palhaço fazer piruetas; 3. treinar bolas paradas é fundamental para jogador não tropeçar no companheiro, seja na própria área ou na área adversária; 4. lateral que avança sem cobertura é prato cheio para qualquer técnico do time adversário; 5. capitão de

time rotativo é desconhecer o fato elementar de que não se improvisa lideranças porque elas são conquistadas; 6. jogador que não corresponde à expectativa deve ser substituído imediatamente num torneio mata-mata; 7. o grande estrategista é aquele que surpreende o adversário, como diz a famosa canção de Geraldo Vandré, “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Depois de assistir a quase todos os jogos da Copa da Rússia, o que poderia ser dito por um torcedor e economista do que ele aprendeu nesta copa? Como ex-aluno de Gary Becker, no outono de 1971 e no inverno de 1972, na Universidade de Chicago, aprendi a usar a teoria econômica em áreas não convencionais. Para aqueles que não conhecem os trabalhos de Gary Becker ele ficou famoso estudando discriminação racial, crimes, drogas, casamento, separação e outros temas não convencionais, para não

falar em capital humano, uma contribuição que revolucionou a economia do trabalho. Suas pesquisas levaram-no a ganhar o Prêmio Nobel de 1992.

O modelo de crescimento econômico de Solow analisa o seguinte problema: um país pobre converge para um país rico? Por exemplo, os países comunistas da Europa oriental, como a República Tcheca, a Eslováquia, a Polônia e outros vão convergir em renda *per capita* para os níveis dos países da Europa ocidental? Aqui cabe introduzir uma diferença, entre convergência absoluta e convergência condicional. A convergência absoluta ocorre quando os países têm as mesmas características, com os mesmos parâmetros estruturais. Na convergência condicional, os países têm parâmetros estruturais diferentes daqueles dos países desenvolvidos. A conclusão desta literatura indica que se o país pertence a um clube que obedeça às

mesmas regras, isto é, têm as mesmas instituições, existe a possibilidade de convergência absoluta. É o caso, por exemplo, de alguns países da Europa oriental membros da Comunidade Econômica Europeia.

A Copa da Rússia mostrou que a maioria dos países usou organizações táticas semelhantes às dos países da elite do futebol mundial, num processo de convergência condicional. Times considerados grandes tiveram grande dificuldade de ganhar times pequenos. Por que não ocorreu convergência absoluta? Porque os países do terceiro e do quarto escalão ainda não conseguiram formar grandes craques, que joguem nos melhores times do mundo. O Japão e a Coreia do Sul já fizeram bastante progresso na convergência e a China, que não participou desta Copa, está inves-

O desafio de nosso país nos próximos anos é afastar Macunaíma da política e do futebol, deixando que ele seja apenas o título de um livro clássico da literatura brasileira

tindo pesadamente para se tornar uma potência futebolística.

O Brasil, que sempre foi um país líder no futebol – não é à toa que somos pentacampeões do mundo –, perdeu esta posição para países

européus. Não somente fomos copiados, mas também fomos ultrapassados. Que aconteceu? Como transformar esta realidade? Devemos esquecer o futebol e jogar a toalha? Ou identificar o que está errado e consertar? Aqui entra a personagem Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, do livro famoso de Mário de Andrade. A Lava Jato revelou a corrupção sistêmica do sistema político brasileiro e a prisão em Nova York de um ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é apenas uma ponta da corrupção no futebol brasileiro. O desafio de nosso país nos próximos anos é afastar Macunaíma da política e do futebol, deixando que ele seja apenas o título de um livro clássico da literatura brasileira, e não personagem do nosso dia a dia. ■



CONJUNTURA ECONÔMICA

Assinaturas e renovações

conjunturaeconomica@fgv.br

Rio de Janeiro:
(21) 3799-6844

Outros estados:
0800-025-7788 (ligação gratuita)